

**Lavadeiras no processo de modernização de Florianópolis***Laundresses in the process of modernization of Florianópolis*

Raísa Adrienne Gomes

[gomes.raisa05@gmail.com](mailto:gomes.raisa05@gmail.com)

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** O presente texto aponta impactos da modernização de Florianópolis no início do século XX sobre o trabalho das lavadeiras. Nesse período, as classes mais abastadas se esforçavam para por em prática um projeto modernizador na cidade, no qual o discurso médico teve papel central para políticas sanitárias que buscavam a higienização dos espaços e pessoas. As lavadeiras constituíram um grupo alvo para tais reformas urbanas pois eram em sua maioria mulheres pobres e trabalhadoras que não seguiam os padrões idealizados de mulheres como mães e esposas.

**Palavras-chave:** Lavadeiras; Florianópolis; Modernização; Reforma Urbana.

**Abstract:** The present paper shows the impacts of the modernization of Florianópolis at the beginning of the 20th century on the work of the laundresses. During this period, the wealthier classes strove to put into practice a modernizing project in the city, in which medical discourse played a central role in sanitary policies that sought to sanitize spaces and people. Laundresses were a target group for such urban reforms as they were mostly poor working women who did not follow the idealized patterns of women as mothers and wives.

**Keywords:** Laundresses; Florianópolis; modernization; urban reform.

**Introdução**

Com o advento da proclamação da República no Brasil em 1889, reformas sociais e urbanas foram operadas de modo a reordenar os principais centros urbanos do país no intento de encaixá-los nos modelos de civilização e progresso importados da Europa. Em Florianópolis isso não foi diferente, ainda que um tanto mais tardiamente das outras capitais. Uma elite formada principalmente de comerciantes prósperos ansiava por reformas que promovessem um reajustamento de sua população segundo os ditames burgueses de organização social<sup>1</sup>. Nessas reformas, na medida que as camadas privilegiadas procuravam delinear um modelo ideal de civilidade, foi também constituído a imagem do “outro”, aqueles que não se enquadravam nos padrões burgueses. Construiu-se, assim, perfis de gente indesejada, espaços foram delimitados e toda uma série de medidas segregatórias tomadas afim da remodelação social.

Na Europa, o desenvolvimento técnico e científico do século XIX deram ensejo a uma profunda crença no progresso e na ciência. Essas noções chegam ao Brasil e aqui em Santa

---

1 ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral:** reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 1989. p. 11.



Catarina podiam ser percebidas nas ideias do Partido Republicano Catarinense, o qual tinha forte influência do positivismo de Augusto Comte pelas concepções organicistas do funcionamento social e também nas teorias evolucionistas de Charles Darwin e Herbert Spencer<sup>2</sup>. Desse modo, o conhecimento científico passa a ter cada vez mais espaço nas políticas para a população no final do século XIX e início do XX. Foucault explica esse processo com o conceito de biopoder, o qual visaria a governabilidade não mais do indivíduo, mas da população como um todo através de uma série de práticas disciplinares a serem exercidas sob uma justificativa racional. Práticas como saúde, cuidados com o corpo, alimentação, higiene, sexualidade e outros costumes, passam a ser alvo dos biopoderes e expressas numa política de medicalização social afim, em última instância, do controle da população como um todo<sup>3</sup>.

Assim, o discurso médico aparece como componente essencial na articulação das reformas operadas em Florianópolis. Num processo descontínuo e que se inicia já no final do século XIX, médicos e sanitaristas aparecem como novos atores sociais decisivos para a política da época. Segundo Hermetes Reis de Araújo, esse tipo de controle foi exercido especialmente aos setores populares, invariavelmente considerados como a degenerescência da sociedade.

Neste trabalho, eu procuro mostrar como esse processo de modernização em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX impactou especificamente o trabalho das lavadeiras. O texto está dividido em duas seções: a primeira “Quem eram as lavadeiras?” que discute o perfil das mulheres, o trabalho e suas maneiras de sociabilidade; e a segunda “As lavadeiras ‘em reforma’” que aponta impactos das reformas operadas na cidade no trabalho das mulheres lavadeiras. O trabalho foi escrito através de revisão bibliográfica e registros policias do início do século XX.

### **Quem eram as lavadeiras?**

Entre as profissões que se perderam no tempo na cidade de Florianópolis, e em muitas outras, uma delas é a das lavadeiras. O trabalho, que hoje é feito dentro de casa e comumente com a utilização das máquinas de lavar, até o início do século XX era feito em córregos e rios, locais fora de casa, posto que não havia água encanada. Geralmente, era realizado por mulheres das classes populares, muitas delas escravas ou ex-escravas. Oswaldo Rodrigues Cabral nos

---

2 Ibidem, p. 134.

3 FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. Em FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal. (1978). p. 277-293.



mostra como era valorizada a prática de uma boa lavagem de roupas no trabalho escravo, já que era uma atividade especificada nos anúncios de compra e venda:

Precisa-se comprar uma escrava que saiba cosinhar, lavar e engomar, quem a tiver, dirija-se a esta tipografia que se dira quem a compra<sup>4</sup>.  
Vende-se uma escrava parda, de 23 a 24 anos, muito sadia, excelente cosinheira, própria para uma casa de trato, boa lavadeira, superior engomadeira, muito fiel, carinhosa, calada e de bom genio<sup>5</sup>.

Com a abolição da escravidão em 1889, sem nenhuma política de assistência ou remanejamento do contingente de trabalho escravo no Brasil, muitos ex-escravos se viram numa situação de ter de improvisar sua sobrevivência. Assim, presume-se que muitas ex-escravas continuaram a ser as lavadeiras das roupas das famílias mais abastadas.

Um ponto interessante a se notar no trabalho do médico-historiador Oswaldo Rodrigues Cabral, é que mesmo produzindo uma dita “história tradicional”<sup>6</sup>, para a qual comumente as mulheres não eram objetos da história, são relatadas muitas cenas da vida cotidiana em Desterro/Florianópolis<sup>7</sup> e, dentre elas, incluem-se as atividades feitas por mulheres. Desse modo, sobre as lavadeiras ele nos conta:

Por todo o trajeto dos riachos e cursos apontados, agrupavam-se as lavadeiras, às primeiras horas da manhã, chalreando, batendo a roupa nas pedras e cantando, enquanto esfregavam entre os dedos as peças, espumantes de sabão. Para que as águas não fugissem, correntosas, com pressa além da razoável, provocavam as lavadeiras, a custa de pedras e lama, tranquilos remansos, ficando neles as águas represadas, limosas, cobertas por uma nata de sabão e detritos. Assim podiam ensaboá-las, deixando para a corrente mais rápida o enxaguamento final<sup>8</sup>.

Além de contar sobre o cotidiano das lavadeiras, com esse trecho percebemos a importância que tinham os cursos d’água na vida de tais mulheres. Muitas delas moravam ao redor das fontes e córregos, caso do Rio da Bulha, conhecido por ser local apinhado de gente

4 Jornal “O Despertador”, 27/10/1865 apud CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro, Memórias II**. Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1972. p. 97.

5 O Mercantil, 01/10/1865, apud Oswaldo Rodrigues Cabral, 1972, p. 97.

6 Segundo o esquema para classificar a historiografia de Cristina Wolff em: WOLFF, Cristina S. *Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate*. Florianópolis: **Revista Catarinense de História**, n 3, 1994.

7 A troca do nome da cidade se dá com o fim da Revolução Federalista, quando os federalistas são derrotados, Hercílio Luz vence as eleições para governador e muda o nome da cidade para Florianópolis em homenagem ao presidente republicano de então, Floriano Peixoto. Ver: PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: UFSC, 1994. p. 72-73.

8 CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro, Memórias I**. Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1971. p. 190.

humilde que morava em casas do tipo porta e janela ou cortiços e que utilizavam o rio tanto como local de trabalho como ponto de despejo dos seus dejetos e dos animais que morriam e que criavam à solta<sup>9</sup>.

Falando sempre em lavadeiras, palavra no gênero feminino, é fácil associarmos a lavagem de roupas, atividades que são do espaço privado, às mulheres. E realmente, nos registros que existem sobre lavadeiras, os poucos que têm só dizem sobre mulheres. Contudo, não podemos fazer essa ligação de modo instantâneo, pois não é um trabalho que prescinde de algo que só as mulheres possuem. Por falar nisso, em “O Cortiço”, ainda que seja uma obra de literatura, Aluisio de Azevedo nos fala de Albino, homem “afeminado”, que morava no cortiço e era lavadeiro:

Fechava a fila das primeiras lavadeiras, o Albino, um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caía, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo<sup>10</sup>.

O personagem de Aluisio de Azevedo é intrigante para pensarmos essa questão dos sujeitos que tinham por profissão a lavagem de roupas. Mesmo sendo um homem, o autor nos descreve Albino como um “sujeito afeminado”, tratado por outras mulheres como alguém do mesmo sexo, sabendo dos segredos que as mulheres “não exporiam em presença de outro homem”<sup>11</sup>. A partir disso, podemos pensar que a lógica desse tipo de trabalho estava mais atrelada a uma prática dita feminina, do que exclusivamente de mulheres. Também percebemos como essa profissão é historicamente construída baseada na divisão sexual do trabalho e aí nos deparamos com a importância da inserção do gênero como categoria da análise histórica. Em fontes e bibliografia sobre Florianópolis e regiões ao redor, não foi encontrado nenhum “lavadeiro”, ainda que possam ter existido.

A historiadora Michelle Perrot, ao falar dos “excluídos da história”, nos conta sobre o trabalhadas mulheres nos lavadouros no século XIX na França, espaço que, segundo ela, desempenhava papel muito grande na vida dos bairros e era ponto alto para a sociabilidade feminina<sup>12</sup>. Tanto quanto um espaço funcional, os lavadouros eram centros de encontro onde

---

9 Ibidem, p. 166.

10 AZEVEDO, Aluisio. **O cortiço**. 28. ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 21.

11 Idem.

12 PERROT, Michele. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.p. 202 e 203.

se trocavam informações de todo tipo, receitas e remédios, endereços, novidades. Assim, apesar das possibilidades de conflito, Perrot afirma que eram “uma sociedade aberta de assistência mútua”, classificando inclusive os lavadouros como palco para um “feminismo prático”.

Se estendermos as considerações de Perrot sobre os lavadouros da França para os rios e córregos onde as lavadeiras de Florianópolis realizavam seu trabalho, podemos crer que aqui também esse compartilhamento de experiências e informações acontecia, de modo a estabelecer redes de solidariedade entre as mulheres lavadeiras. Os cursos d’água se tornam, então, ainda mais significativos para nós entendermos o trabalho e a vida dessas mulheres.

Para saber mais do trabalho das lavadeiras em Florianópolis, também podemos contar com as memórias das mulheres que fizeram a vida lavando roupa. Em 2001, Jaqueline Schmitt fez uma série de entrevistas para sua pesquisa de mestrado sobre as memórias de trabalhadores e trabalhadoras de Florianópolis. Dentre elas, entrevistou D. Hercília Oliveira que contava então 89 anos de idade. Na entrevista, ela relata o seguinte:

Eu nasci e morei toda a vida em Capoeiras. Lavava para a cidade, passava aponte a pé, buscava a roupa uma vez por semana, ia buscar na segunda-feira, com meu filho e levava na sexta-feira. Quando chovia eu não ia [...] De noite a gente não trabalhava, porque também era dona de casa, tinha marido, filhos, tinha que cuidar da casa também. Eles mandavam a roupa com sabão, eu tinha uma que me ajudava a passar, porque eu não gostava de passar. Eu tinha que lavar, passar, mas era muita roupa (...) pagavam bem não, já vi lavadeira ganhar bem...<sup>13</sup>

O relato de D. Hercília mostra as relações de classe e gênero que permeavam o trabalho das lavadeiras: ela, mulher pobre e que vivia em bairro afastado do centro, buscava a roupa que ia lavar “para a cidade”, provavelmente se referindo assim à famílias com melhores condições econômicas do que a dela e que moravam na região central de Florianópolis. Além disso, conta do trabalho paralelo como dona-de-casa e como era responsabilidade sua, como mulher, o cuidado com a casa, o marido e os filhos.

Nesse caso, o trabalho de D. Hercília já não era realizado em riachos fora de casa, o que também demonstra as mudanças operadas ao longo do tempo com o trabalho das lavadeiras, o que será discutido mais adiante no texto.

---

13 Entrevista realizada por Jaqueline Schmitt com D. Hercília Oliveira, em 2001 com 89 anos: SCHMITT, Jaqueline A. M. Zarbato. **Trabalhando em Florianópolis** (As práticas de trabalho e as memórias de Trabalhadores e Trabalhadoras) 1900 – 1920. Dissertação de mestrado na área de História pela Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis, 2001. P.140-142.

### As lavadeiras “em reforma”

O discurso sanitarista operado na medicina no século XIX já havia chegado em Florianópolis muito antes da realização das reformas urbanas. No ensaio do médico João Riberiro de Almeida, datado de 1864, a vida das lavadeiras é tratada com o tom “higienizador”, fator considerado imprescindível para o progresso da sociedade. Falando sobre os bairros pobres do centro de Florianópolis ele conta que:

A toca, situada na encosta da montanha do Menino Deus e na praia que a circunda, é habitada por toda uma proflítica população de pescadores. Entre as casas que habitam, algumas há, que podendo em rigor abrigar 2 pessoas, acomodam o quádruplo ou quántuplo. As mulheres são lavadeiras (em geral) e consequentemente tem de guardar em casa roupa molhada, sua ou alheia. (...) Resulta disto, que a umidade, que pouco a pouco se vai evaporando, satura o ar e impregna tudo até a própria cama. Além da roupa lavada, guarda-se nessas casas peixe e os utensílios de pesca, tudo molhado e exalando cheiro característico de maresia. (...) Este bairro habitado por gente dada ao trabalho, mas pouco amiga do asseio, é dizimada por todas as epidemias que aqui aparecem.

(...) Na Pedreira, uma parte da Tronqueira e becos adjacentes, em miseráveis choupanas (algumas piores que as da Toca) reside uma tribo de lavadeiras de condições diversas, umas livres, outras escravas (mas com permissão de residir fora de casa) e outras escravas que só vem lavar; este bairro quanto a habitantes do sexo masculino só conta soldados. Desta união bem se pode prever o que deva resultar<sup>14</sup>.

O olhar da medicina científica trazido pela burguesia passa a se preocupar com a higiene do corpo e da sociedade. Como consta no ensaio, uma grande preocupação da época era a associação do ar com as moléstias. A concentração de pessoas, o ar carregado de umidade, o mau cheiro de dejetos jogados nos rios, praias, ruas e fundos de quintais, cenários da vida das pessoas mais pobres, eram ligados diretamente à causa de doenças. As lavadeiras fazem parte desse grupo e como mostra o ensaio são objetos de análise e projetos de sanitização.

Entretanto, é no começo do século XX que esse desejo se expressa em inúmeras políticas de segregação social aplicadas junto às reformas urbanas. Araújo relata que junto a esse processo, houve a implementação de instituições públicas com o objetivo de promover melhores condições sanitárias para a capital, tais como a instalação na região central das

---

14 ALMEIDA, João Ribeiro de. Ensaio sobre a Salubridade, Estatística e Pathologia da Ilha de Santa Catarina e em particular da Cidade de Desterro (1864). In: **Enciclopédia do Almirante Carneiro** – Setor de Santa Catarina, Biblioteca Central UFSC, apud Hermetes Reis de Araújo, op. cit., p. 85, 86.



primeiras redes de água encanada em 1909, em 1910 a iluminação pública através de energia elétrica e a construção da rede de esgotos entre 1913 e 1917<sup>15</sup>. Além disso, houve o calçamento de ruas, jardins foram construídos para embelezar o centro, algumas áreas da cidade foram aterradas e drenadas e edifícios públicos foram construídos. Conforme aponta Araújo, a elite de Florianópolis se manifestava nos jornais contra os dejetos acumulados em becos e córregos, a criação de animais soltos, o lixo de toda a vizinhança. Os bairros pobres do centro - Pedreira, Figueira, Toca e Tronqueira - eram visados a ser transformados, o que significava a demolição dos casebres e cortiços e a retirada dos seus moradores para a instalação de instituições de acordo com o projeto modernizador<sup>16</sup>.

Nesse ínterim, em relação às mulheres trabalhadoras, de acordo com Joana Maria Pedro as reformas “tornaram difícil, especialmente, a permanência de dois tipos de trabalho feminino, muitas vezes executado simultaneamente: a lavagem de roupas e a prostituição”<sup>17</sup>. Como já comentado anteriormente, os cursos d’água tinham grande importância na vida das lavadeiras, assim é que no esforço do governo para retificar, aterrar, sanear e urbanizar bairros do centro o espaço de trabalho das lavadeiras foi sendo cada vez mais delimitado.

Segundo Joana Pedro, uma das consequências da restrição do espaço de trabalho das lavadeiras é a disputa pelos córregos que ainda restavam e os conflitos entre elas que chegavam a ser motivo de prisão. Segundo a autora, durante as reformas, os registros policiais ficaram repletos de ocorrências envolvendo as lavadeiras. Contudo, as informações são escassas, pois os registros não trazem descrições sobre essas mulheres, os motivos e a permanência na prisão, apenas apontam em forma de quadro os nomes, a idade, o sexo, a profissão e o motivo da prisão. Sendo assim, temos os casos de prisão por “desordem pública”, de Florinda Joana em 1911, de Herminia Maria de Castro 1916<sup>18</sup> e de Maria do Nascimento e Isabel Antunes dos Santos em 1918. Também as brigas podiam resultar em ferimentos o que levava as lavadeiras a serem presas por motivos mais graves, caso de Antônia Lopes dos Santos presa em 1914, e eventualmente por homicídio como foram acusadas as lavadeiras Maria Gonçalves Martins em 1911 e Marcolina da Conceição em 1914<sup>19</sup>.

---

15 Ibidem. p. 17.

16 Ibidem p. 21.

17 PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas, mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: UFSC, 1994. p. 157.

18 Relatório do Chefe de polícia Ulyses da Costa ao Secretário Geral do Estado, 1916. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

19 Ibidem, p. 158. A pesquisa de Joana Pedro foi realizada nos relatórios dos chefes de polícia – Mapas de Inquéritos Policiais – outubro de 1910 a maio de 1911; Idem para 1918, 1914, 1911 e 1914, respectivamente.



Ademais, muitas outras prisões de mulheres consideradas “sem profissão” bem poderiam envolver lavadeiras. Isso acontece, não só porque as mulheres pobres “improvisavam” a sua sobrevivência realizando diversas formas costumeiras de ganho<sup>20</sup>, como também, segundo Jaqueline Schmitt, porque no início do século XX era considerado trabalhador apenas aquele ligado ao trabalho formal, ou seja, em fábricas, empresas e no comércio. Portanto, para as mulheres os diversos trabalhos que por ventura viriam a realizar não eram assim reconhecidos pelas instituições, de modo a serem identificadas como “sem profissão”<sup>21</sup>.

As justificativas para os aprisionamentos ditos corretivos, que geralmente duravam uma noite, giravam em torno de desordem pública, vagabundagem e embriaguêz. A polícia da época compartilhava dos valores dos segmentos burgueses e elitizados da sociedade, nos quais as mulheres eram destinadas naturalmente ao lar, ao casamento e à maternidade<sup>22</sup>. Assim, essas mulheres acabavam por ser duplamente desqualificadas, como mulheres que não estavam cumprindo seu destino natural e como transgressoras da ordem pública.

Talvez uma das obras realizadas nas reformas de Florianópolis mais interessantes para pensar a higienização social e urbana e as mudanças operadas na vida das lavadeiras seja a construção da Avenida do Saneamento, mais tarde chamada Avenida Hercílio Luz, em homenagem ao governador que deu ensejo à sua realização.

O caso é que a atual Avenida Hercílio Luz era no começo do século XX um dos pontos considerados mais sujos da cidade, pois era aonde passava o Rio da Bulha, o mesmo que Oswaldo Cabral aponta como o “mais caudaloso e o mais temível” curso d’água que cortava a vila. Também chamado Fonte Grande, nascia nas fontes do Morro do Antão e recebia as águas de numeros córregos pelo seu caminho, percorria um longo percurso em inúmeras voltas, passava por baixo da Ponte do Vinagre e desaguava ao lado do Forte de Santa Bárbara<sup>23</sup>. O Rio da Bulha cortava muitos bairros pobres – como o da Pedreira e Beco Sujo – e além de ser o local de trabalho das lavadeiras que moravam ao redor, também recebia os dejetos das casas e cortiços construídos no seu entorno. Por isso mesmo, o Rio da Bulha era visto como fonte de infecções, miasmas e epidemias, além de empecilho ao progresso e civilização, conforme relata Oswaldo Cabral:

---

20 PEDRO, Joana M. op. cit., p. 157.

21 SCHMITT, Jaqueline A M. Zarbato, op. cit. p. 05.

22 PEDRO, op. cit., p. 157.

23 CABRAL, Oswaldo R. op. cit., p. 188-190.



O Rio da Fonte Grande criou – está visto – nome. Ficou célebre. Junto às suas margens surgiam os primeiros casos das epidemias que reinaram. As zonas que ele cortava, à medida que ia avançando a seu curso, iam-se tornando as piores da cidade. A Pedreira, a zona por ele flanqueada, foi “sem desconsiderar a Figueira nem a Tronqueira) o bairro mais sujo que jamais existiu em Nossa Senhora do Desterro.

Do outro lado, o Beco do Pedro Soares, as casinhas do Campo do Manejo, os casebres do Beco Sujo, vizinhando com o quartel, completavam a paisagem. Cortiços baratos e sem conforto. Lavadeiras. Marinheiros. Soldados. Mendigos. Mulheres de má vida. Gente de má fama. Toda uma favela a marginar um rio imundo<sup>24</sup>.

Desse modo, o Rio da Bulha será um dos principais alvos de políticas higienistas vindo a ser aterrado para a construção da Avenida Hercílio Luz, iniciada em 1919 e inaugurada em 1922. Ao mesmo passo que a construção da avenida era vista como a pedra angular pelos entusiastas do projeto modernizador, para a sua instalação foram levadas abaixo muitas casas dos moradores pobres do entorno do Rio da Bulha<sup>25</sup>.

Em relação às lavadeiras que ali moravam seu trabalho foi dificultado. Não só perderam suas casas como também o local de trabalho, tendo que se apinhar com outras mulheres noutra riacho mais longe para continuar a lavagem de roupas. Diante disso, além dos conflitos já comentados anteriormente, é possível presumir que entre estas lavadeiras, muitas diminuíram a quantidade de roupa que podiam lavar ou mesmo se ocuparam de outras atividades. Afinal, eram mulheres pobres. Deixar de trabalhar é que não podiam.

Ademais, muitos dos moradores que tiveram suas casas derrubadas, no caso da construção da Avenida Hercílio Luz ou em outras reformas urbanas de Florianópolis, sem condições de se estabelecer em outro local, passaram gradativamente a habitar os morros próximos. Nestes casos, já despejados e coibidos de circularem no centro, certamente as casas levantadas na “pressa” não deveriam dispor de água encanada para o trabalho das lavadeiras, nem condições para diversas outras atividades.

Há de se lembrar ainda que era dos morros que o montante de água das chuvas descia e formava os córregos da vila. Assim, podemos afirmar que a ocupação desordenada dos morros e junto o desmatamento da áreas afetadas contribuíram para processos de assoreamento de rios e mesmo diminuição do fluxo de água. Foi isso que aconteceu com o Rio Itacorubi, vertente oeste do morro da Lagoa da Conceição, que no processo de ocupação do morro do Quilombo

---

<sup>24</sup>Ibidem, p. 193, 194.

<sup>25</sup>ARAÚJO, Hermetes Reis de. op. cit. p. 20-21.

acabou por perder o volume de água que tinha e passou a ser ponto de despejo de esgoto<sup>26</sup>. Assim, o rio que foi local de trabalho para as tradicionais lavadeiras do Morro do Quilombo, hoje encontra-se poluído devido a degradação ambiental e falta de saneamento básico, frutos de uma ocupação desordenada e similar a que estamos debatendo<sup>27</sup>.

### Considerações finais

No projeto de modernização de Florianópolis do início do século XX, as reformas urbanas aplicadas acabaram por segregar a população pobre que não constituía o perfil de pessoas desejadas a circularem nos espaços centrais da cidade. Assim, trabalhadores e trabalhadoras pobres que moravam e realizavam as suas atividades nas regiões centrais, passaram paulatinamente a ser objetos de políticas higienização urbana e sendo literalmente empurrados para fora desses espaços.

Para as lavadeiras, além do seu trabalho e sua vida serem mal vistos pelo olhar higienista das reformas de Florianópolis, sua atividade foi especialmente dificultada por processos como a canalização da água para as casas, que antes tinham como fonte os rios que cortavam a vila, assim como o aterramento de diversos rios e córregos, caso do célebre Rio da Bulha. Desse modo, estas mulheres vão tendo seus espaços de trabalho reduzidos, de modo a ter que dividir o mesmo córrego entre mais trabalhadoras, o que ocasionava disputas e conflitos entre estas. Esse processo possivelmente também contribuiu para quebrar as redes de sociabilidade estabelecidos pelas mulheres nos locais de lavagem de roupa.

Assim, as lavadeiras foram mulheres que constituíram um alvo das políticas sanitaristas de Florianópolis das primeiras décadas de República. Tiveram que reorganizar seu modo de ganhar a vida ou deixar para trás esse trabalho nas páginas de sua história.

### Referências

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral**: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 1989.

AZEVEDO, Aluisio. **O cortiço**. 28. ed. São Paulo: Ática, 1995.

---

26 Jornal Notícias do Dia. Afastadas pela poluição, lavadeiras do Rio Itacorubi testemunham crescimento desordenado do bairro. Edson Rosa, Florianópolis, 02/03/2014. Disponível em: <https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/afastadas-pela-poluicao-lavadeiras-do-rio-itacorubi-testemunham-crescimento-desordenado-do-bairro>. Acesso em 26/01/2017.

27Idem.



CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro, Memórias I**. Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1971.

\_\_\_\_\_. **Nossa Senhora do Desterro, Memórias II**. Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1972.

FOUCAULT, Michel. (1978). A governamentalidade. In FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal. pp. 277-293.

PEDRO, Joana Maria. Imagens femininas na formação da elite de Desterro. In: **Mulheres faladas, mulheres honestas**: uma questão de classe. Florianópolis: UFSC, 1994.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCHMITT, Jaqueline A. M. Zarbato. **Trabalhando em Florianópolis** (As práticas de trabalho e as memórias de Trabalhadores e Trabalhadoras) 1900 – 1920. Dissertação de mestrado na área de História pela Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis, 2001.

WOLFF, Cristina S. Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n 3, 1994.

### Fontes

Jornal Notícias do Dia. Afastadas pela poluição, lavadeiras do Rio Itacorubi testemunham crescimento desordenado do bairro. Edson Rosa, Florianópolis, 02/03/2014.

Relatório do Chefe de polícia Ulyses da Costa ao Secretário Geral do Estado, 1916. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

---

Recebido em 27 de novembro de 2017.

Aceito para publicação em 04 de janeiro de 2019.

